Salomão Rovedo

Espelho



de Vênus

(poesia)

Rio de Janeiro

2007

AFRODITE — VÊNUS

Afrodite (nome grego), deusa do amor e da beleza, presidia, como disse o poeta Hesíodo, "conversas e truques infantis: doces transportes, abraços e carícias". Nasciam flores por onde pisasse e pardais e pombas voavam à sua volta. Deu vários filhos a Ares, seu amante, entre eles o Medo e o Terror. Mas tinha o poder de fascinar até deusas experimentadas e muitas vezes colocava a tentação no caminho de Zeus, fazendo-o esquecer de sua esposa, Hera. Vênus (nome romano), nasceu da espuma do mar, fecundada pelo sangue de Urano, entre a ilha de Chipre ou Citera. Ao nascer, foi acarinhada por Zéfiro. Colocaram-na numa concha de pérola e nácar e entregaram-na às Horas, que se encarregaram da sua educação. Foi levada, a seguir, para o Olimpo, onde, todos os deuses, seduzidos pelos seus encantos, quiseram desposá-la. Júpiter mesmo quis tomá-la por amante. Não conseguindo vencer o coração de Vênus, por despeito e para vingar-se, deu-a em casamento a Vulcano, o mais feio de todos os Imortais. Vênus freqüentemente foi infiel ao marido. Experimentou os leitos de quase todos os deuses, semideuses, mortais notáveis e, mesmo, simples reis ou príncipes, como por exemplo, Anquises. Do deus Marte teve Eros, Anteros e Harmonia; de Mercúrio, Hermafrodito; de Baco, Priapo; pelo belo Adônis deixou o Olimpo, e desceu o monte Ida para conceder favores a Anquises que a tornou mãe de Enéias - (aquele que fugiu de Tróia, vagou pela Sicília e por Cartago, fundando a Itália). Uma das aventuras mais famosas de Vênus é a célebre disputa com Juno e Minerva, a respeito do pomo de ouro, que deveria ser entregue à mais formosa. Páris, que funcionou como juiz nessa demanda, outorgou o prêmio à Vênus, pelo que lhe mereceu eterna gratidão, e a posse da mais bela mulher, Helena. Geralmente é representada em companhia de Cupido, sobre um carro puxado por pombas brancas, ou por cisnes, ou ainda por pardais.
http://www.sergiosakall.com.br/

O NASCIMENTO DE VÊNUS - Há duas versões sobre o nascimento biológico desta Deusa. Na versão de Homero, Afrodite nasce de modo convencional, como sendo filha de Zeus e Dione, ninfa do mar. Já na versão de Hesíodo, ela nasce em conseqüência e um ato bárbaro. Cronos, cortou os órgãos de seu pai Urano e os atirou no mar. Uma espuma branca surgiu em torno deles e misturando-se ao mar, gerou Afrodite. Sendo assim, Afrodite é filha do Céu e do Mar, a Deusa Mãe original em muitas tradições, e o primeiro fruto da separação do céu e da terra. Como foi gerada no mar, é a filha do começo, é a figura que, igual a Deusa original, volta a unir as formas separadas de sua criação. Nesse sentido, Afrodite "nasce" quando as pessoas recordam, com alegria, o vínculo que une os seres humanos com os animais e com toda a natureza e ainda, quando percebem esse vínculo como uma realidade clara e sagrada. O mito sugere que isso aconteceu mediante o amor. A união se converteu em reunião, pois o amor que gera vida se faz eco do próprio mistério da vida. http://www.rosanevolpatto.trd.br/

VÊNUS - Uma das doze divindades gregas do Olimpo, deusa da beleza e do amor correspondente à romana *Venus*, porém, ao contrário da última, não representava apenas o amor sexual, mas também a afeição que sustenta a vida social. Tinha o poder de inspirar amor nos corações humanos ou destruí-los. Encarnava a perfeição da beleza feminina. Nascida da espuma do mar, caminhou sobre as águas até chegar a ilha de Chipre. Criada e educada pelas ninfas do mar em suas cavernas, a deusa da beleza e do amor foi levada pelo mar, de ilha em ilha, encantando a todos com sua beleza e graça. As Horas e as Graças titilavam grinaldas para os seus cabelos e teciam vestidos com as mais belas cores. Essas fatiotas enchiam o ar com as mais inebriantes fragrâncias florais. Foi provavelmente uma das divindades mais veneradas por parte de todos os povos gregos e romanos. Era representada como uma mulher com una coroa de flores, um ramo de oliva em uma das mãos e um símbolo da abundância na outra. Um dos mais belos e importantes templos de todo o Império Romano, situado na *Vía Sacra de Roma*, era consagrado a essa deusa. *Renato Monteiro Kloss* -http://www.dec.ufcg.edu.br/

Portada:
Dante Gabriel Rossetti
Venus Verticordia
http://islandofshalott.blogspot.com/

Salomão Rovedo

Espelho de Vênus

(poesia)

Escrito em 1992

Editado em eBook em 2007

VÊNUS TERRENA

Te encontro nas manhãs flutuando
pelas ruas ainda desertas da cidade.
No café, voando em liberdade, nua,
buscas um lugar, uma mesa vazia.

Vai amanhecendo o dia. Há fumaça no ar.
todos se agitam rumo ao trabalho
(mas, primeiro tomar um cafezinho),
corre, corre, vai correndo o dia.

Nessas manhãs te encontro voando,
a face revestida de felicidade, nua,
os gestos ingênuos de sensual carinho.

De manhã, Vênus Terrena, não pousas, flutuas.
Emociona relembrar tuas ancas desmaiadas,
nuas, redesenhadas contra a claridade...

VÊNUS ADRASTÉIA

Depois do amor, perdido o sono, Vênus Adrastéia,
Surpreendi que teu corpo, em decúbito relaxado,
Delineava rotas de algodão, do lençol negro traçava mapas.
No visual contrastam as dobras, rugas, e a pele lisa em seda.

Assim desperto, a noite todinha em espantoso admirar,
vigiei os movimentos dos membros esguios e alvos.
No silêncio, ouvi teu ressonar quieto. Um sorriso cômico,
em sonho, debochou da minha vigília aos desenhos nus.

(Estranho e vampiresco modo de furtar a felicidade alheia).
Passou a noite, a madrugada foi e a primeira claridade vem
flagrar meu desvelo em roubar a quietude que ansiava.

Aos bocadinhos acordas. Despertas para o cotidiano da vida.
Ouço, assombrado, o primeiro riso, franco, desmedido, a voz
murmurosa, quase muda, pequenina, balbuciar: “Estou feliz!”

AFRODITE ERÍNIA

Conheço o tipo de nariz: aquilino, voraz.
Ousado e atrevido. Como a selva tropical
que invade e reconquista áreas *civilizadas*.

Como Vikings, cantando hinos de guerra.
Sei dos lábios imponentes, verdadeiros,
inesgotável fonte de heréticas palavras.

Os olhos, enquanto são negros, fugidios,
sequer servem de farol aos timoneiros.
Sei do teu corpo, Afrodite Erínia, invade e foge,
guerrilheiro semeando focos de saudade...

Até que o próximo encontro se desfaça,
estilhaçado em fragmentos meteóricos.
Raios de um buraco negro que tudo consome,
flocos de luzes cintilantes, nos teus seios.

AFRODITE MÊNADE

Nenhuma distinção entre teus olhos azuis
(de amor) – e teus olhos violetas (de ódio).
Os objetos do teu corpo baço, seios soltos:

Tuas mãos tão longas, alvas, teus dedos,
que espremeram limão e me acariciaram,
que levaram o copo d’água à minha boca.

Claras figuras, claros membros, fortes,
fracos, tísicos, têmpera de nada, nada.
A nódoa que a tua boca deixou marcada,
Afrodite Mênade, nem o sabão em pó apaga.

Hoje és parte dos fragmentados muros
– mundos ilhados que nos sustentam nus.
O que dissemos e, enfim, te ensinou a voar,
pode também provocar quedas a todo instante.

VÊNUS CALÍOPE

Quantas vezes me pediste, airosa,
que não fizesse nunca presentes.
(se não fosse uma dúzia de rosas
em botão – emanantes entes...).

Foi assim: impuros, mutantes entes,
iridescentes, coloridos, botões-de-rosa,
pétalas desbotadas na pele presentes:
silvestres, desérticas, tropicais, airosas.

Sozinha e solitária – enterrada em rosas,
Vênus Calíope, perfumadíssima e airosa,
inventas a libertinagem de corpo presente.

Desfolhar tuas pernas, folhar em rosas
e devorar as entranhas – pétalas airosas,
do róseo jardim ofertado à minha frente.

AFRODITE TERPSÍCORE

Livra de mim um tal segredo,
livra de mim esse meu medo
de nunca ter-te possuído.

Livra de mim, que ‘stou perdido.
Meu século de vida frustrado,
por jamais ter-te bem possuído.

Longe de mim, ilhado em degredo,
de um homem por si só condenado,
por medo de sentir-se mui amado
e não mais amar – de tanto medo.

O verde tenso do denso arvoredo,
o frio noturno do dia gélido,
teu corpo invisível, acre, salgado:
– Livra de mim um tal segredo!

VÊNUS TISÍFONE

Tua boca, ornamentada de sangue,
mais aparenta uma rosa encarnada.
O meu mamilo picado ainda sangra
e, em gozo, não senti quase nada.

O esmalte vinho-sangue das unhas
deixou a toalha branca manchada
e o lençol respingado de sangue
imita a vasta noite estrelada.

O fel dos teus olhos anestésicos
poupa-me o sofrimento e todas dores,
enquanto a saliva quente cicatriza
a violência dos orgasmos predadores.

Pousa meus lábios, que ardidos sangram,
no delta do teu sexo transformado em angra.

AFRODITE SAFO

Faz minhas as nádegas arqueadas,
onde deponho minha ânsia crua,
ao passear a minha língua nua,
faz minhas tuas ancas entesadas.

Doce, igual o cherry brandy, nacarada,
faz minha essa pombinha crespa,
em volta de mim, como uma vespa,
faz todos meus os teus seios alados.

Faz meu esse sabor, doce e salgado,
que vem da concavidade do teu ventre
e brota nos teus lábios avermelhados...

Faz minha as carnes dilaceradas,
onde tuas unhas, tintas de sangue,
a cada prazer me são encravadas.

AFRODITE MÁRCIA

Sorri esse sorriso de mármore amarelo,
agita os cabelos de árvore desfolhada.
Repinta os lábios de vermelho tenso,
movimenta os braços como garra pênsil.

Ri o sorriso largo – de louvor à vida,
mexe os quadris de forma decidida.
Sê mulher – esse veio indecifrável,
de suspense e mistérios eternamente.

Sê a dançarina do ventre, sê fêmea,
enquanto teus seios mimosos fremem,
enquanto teu abraço sufoca o gozo.

Unhas aquilinas cravam, sangrentas,
esporeiam costas, face, tronco, lacerados:
sê mulher, Márcia Calípgia, sê fêmea!

AFRODITE NÍNFIA

Lambe os lábios, molhados como mel
e respira o doce aroma que impregna o ar.
Lambe a língua que ofereço, igual
o beija-flor suga a doce flor de plástico.

Igual o mar lambe as areias das praias,
orquestrando sons em concerto orgástico,
lambe os lábios, como mel derramado,
e bebe a saliva, espessa e aquecida.

Lambe os lábios, beija e chupa,
a viva língua no vão da boca perdida.
lambe os dedos e o peito suados,

lambe as narinas dilatadas, ofegantes,
lambe a glande, rija, desencapada,
que rósea surge como uma flor ferida.

VÊNUS COTITO

Doce, doce, doce, em frenéticos movimentos,
impressões digitais impressas na pele doce,
visíveis como o aroma que a noite trouxe,
para marcar no tempo o determinado momento.

Os bicos, rosados, dos seios no firmamento,
tão diminutos, se estrelas no universo fossem,
despejam o líquido doce e leitoso, leitoso e doce,
capaz de embebedar o mais nobre sentimento.

Doce, muito doce, mais doce que o próprio mel,
o vinho viscoso, doce, escorre lento e doce,
umedecendo o ventre, as coxas, o sexo, o anel.

Maculando para sempre a cor do alvíssimo lençol,
passa quente o líquido viscoso, o sabor agridoce,
pela minha boca, através dos pentelhos em caracol.

VÊNUS PASITÉIA

Pressinto minha a bocetinha crespa,
que em meus dedos arrulha e fica úmida.
Beijo, enfim aquela rosada vespa,
que a meu hálito se põe toda túmida.

Negro e doce, como o sabor do melado,
para atiçar-me a ânsia que te atenua,
beijo e desperto o botão incrustado
na concavidade da tua bunda nua.

Ainda sinto o gosto leitoso e amargo,
que me veio à boca ao morder teus seios
e me transportou a um doce letargo

de não sentir as carnes destroçadas,
onde tuas unhas, rompendo os veios,
a cada gozo e prazer são encravadas.

VÊNUS CORTIGIANA

É minha, é minha essa pombinha crespa,
que se ri e se alegra sempre que a vejo
e em veludo se umedece ao primeiro beijo,
para adocicar a minha língua amarga.

É meu, é todo meu esse clitóris, vespa,
que se enrubesce, ao menor cortejo
e ao primeiro toque te provoca arquejo,
a minha boca inunda a cada descarga.

É meu, é meu esse todo Paraíso Aquoso,
de território não maior que um palmo,
de misteriosas nascentes e desconhecidas.

Ao fim da caminhada nesse chão pantanoso,
o corpo extenuado, o espírito sublime e calmo,
absorvo o húmus necessário para novas vidas.

AFRODITE HETAIRA

Só. Só. E enquanto ninguém vem,
esfregando as coxas sem sentido,
a mente em branco, só e sem
descontrair o assexuado abrigo.

Só. Só – não tem mesmo ninguém,
porque todo o amor está perdido:
arde a cabeça em febre de quem
fustiga o sexo como um castigo.

Só. E a imaginação busca alguém,
numa viagem de ardor desmedido,
a língua, os seios, a boca, o ventre.

O sexo solitário. Após o umbigo,
esperma e sangue, sangue e esperma,
– mãos imaculadas sobre as pernas.

AFRODITE ODETTINA

Mais que o açúcar, muito mais que a doçura,
sinto prazer quando a unhadas me atacas
e violentamente me espancas com os punhos,
como uma bíblica hetaira a seus escravos.

O meu corpo, cheio de equimoses, lacerado,
após atravessar a via-sacra dos inclementes,
é o único prêmio, dado por tua vitória.

Não, não sentirás nunca o sabor acre-doce
que tem o sangue, ao germinar, aquoso,
misturado ao suor, ao teu líquido gozo.

Depois, tudo isso se revela um doce milagre,
repetido ad-aeternum, a atravessar os séculos.
Vê, vê o sol que a janela invade e tudo ilumina,
trazendo luz, som, cor, harmonia, claridade.

VÊNUS ANADIÔMENA

Deitei, enfim, sobre a besta dos desejos,
com a ânsia visceral dos esfaimados,
com a fome incontinente dos promíscuos
– abracei-me, desesperado, a teu abraço.

Com a sede indescritível dos obscenos,
com o temor secreto dos alcoviteiros
– contrito persignei-me às tuas coxas,
sem forças, pousei a fronte em teu regaço.

Como um pária fóssil no deserto do bordel,
freqüentei dias e noites tuas indecências,
hóspede de uma alcova de veludo folhetim.

Inocente, como quem jamais sentiu degradação,
eternamente impune e delinqüente, amei, amei,
o teu amor venéreo, indecoroso, à saciedade.

AFRODITE PÂNDEMOS

Ante meus olhos deflagra
a brutalidade do desejo.
Tempo de queda, promíscuo,
de transas mal resolvidas.

– É só um folhetim venéreo!
– Uma orgia indecorosa!
Mas o desejo fascina
a obscenidade castrada

Na meretriz da esquina.
um animal alcoviteiro,
uma paixão delinqüente,

em todos os peitos detona
um bolero, que segrega
o bicho dentro da gente.

AFRODITE CASTÁLIA

Só, Afrodite Castália,
amando quem se queira,
em qualquer lugar:
cama sofá, banheira.

Só ou a dois, antes,
violentando crenças,
até chegar, até vir,
o fundo da consciência.

Preconceito o teu corpo,
que mal posso tocar.
Nenhum gozo para depois:

quem dá o tempo é o tempo
mágico de não deixar
nenhum prazer para dois.

VÊNUS CIPRÍGENA

Após o amor, Vênus Ciprígena, morto o prazer,
surpreendi o teu alvo corpo embalsamado
no lençol rosado de seda de Singapura.
Contrastam as rugas com o pano sedoso

e espanta-ma ao mirar teus seios flácidos,
os ossos dos membros esguios e brancos,
a secura desértica do teu ventre chato,
os pêlos púbicos sem viço, um rito morto.

Modo vampiresco de pensar a infelicidade.
Passada a noite – a primeira claridade, má,
flagra meu velo em roubar a velhice eterna.

Não mais despertas para o cotidiano da vida,
quando ecoa na brisa o primeiro riso franco,
a voz murmurosa, pequenina, balbuciante...

VÊNUS CALÍPGIA

Vênus Calípgia, teu corpo-instrumento, teu monte das bruxas,
teus pêlos nascidos ao contrário – intimidade de artesanato,
despertam a visão dos estímulos, memórias sinceras de época.
Agarrado a teus cabelos eletrizados, tomo posse do teu corpo,

num jogo de posições, de amor, de sedução, de rock'n'roll,
quase orgia, arco-íris de prazeres. A sedução dos pentelhos
ruivos, a paixão dos cabelos negros, escorridos nas costas,
o ouro, o sol, o fogo, alusões e ilusões dos cachos louros.

Como mulher manténs essencialíssima relação com o segredo,
mas teu corpo-instrumento tem a senha para o contato,
gostoso, especial, cheio de força misteriosa e dor oculta.

Depois, muito tempo, os teus cabelos, mulher amada,
mesmo cortados curtos, conservam a cor, jamais perdem o viço,
guardam o cheiro, a vibração, o tom elétrico dos dias nus.

AFRODITE LÊMURE

São muitos os poderes sobrenaturais, são crenças,
anteriores às forças hoje misteriosas e ocultas.
Pensamentos pagãos, mulher sedutora, Afrodite Lêmure,
sempre e sempre conduzem a ótimos pecados devassos.

Teu monte (onde repouso os lábios), monte das bruxas,
e ali se festeja a honra dos Anjos e dos Demônios,
dançando e saltando sobre os instintos sexuais mais sádicos.
Friccionemos nas partes a pomada azul de metileno

e deixemos que as visões e relatos extravasem do corpo.
Milhares de insatisfeitos, na tortura e na morte,
cavalgam os ares, as terras, os mares, anunciando

inimagináveis orgias: sexo, paixão, ódio, sedução.
Pensamentos de padres, irmãs, monges, celibatários,
agem na rotina diária dos prazeres, arte chocante.

VÊNUS AGLAÓFONE

O início do prazer – ouvir, o prazer de ouvir, como ambição,
nas alturas, onde não há parceiros para Vênus Aglaófone.
A representação do ideal é pecaminosa, suja, perigosa,
atrai sentimento de culpa, de horror, afasta a imaginação

da realidade, sem contato nem amor, de maléfico interesse.
Esse poder amoroso – fertilidade anciã de todos os deuses,
sustenta nas bailadeiras indianas a fantasia do espectador.
É o estímulo do secreto, o objetivo de todos os desejos.

Mas forças sedutoras quase proibidas conduzem ao pecado,
à sexualidade mais devoradora, à paixão mais perversa,
vibrando os acordes sensíveis existentes no corpo,

Evita transformar as zonas erógenas em áreas desérticas,
informatizadas, robotizadas, vibrando acordes o beijo:
– beijo que fareja, beijo genital, o profundo beijo da alma.

AFRODITE TÉTIS

Interpenetrados – Afrodite Tétis – quietos
e adorando nossos desenhos faciais,
contando histórias amorosas e fados,
desde as épocas de amores imemoriais.

E assim foi, passando todo o tempo,
em perene castidade, virgem de núpcias,
em amor só de pensamentos e palavras,
de renúncia às satisfações mais comuns...

Na religiosidade básica dos instintos,
vivemos um sexo em grupo, fictício,
marginalizado, sem protesto nem rancor,

gozamos a quietude dos intercursos beatos,
sem interferência dos orgasmos vorazes,
de total entrega às frases sonoras do amor.

AFRODITE THEREZA

Como uma cadela no cio, Afrodite Thereza,
em ti exala o aroma da promiscuidade.
Atrais-me com uma ferocidade animalesca
do Centauro e Minotauro, para compor delitos

e apagar todas as minhas culpas secretas.
Como uma cadela no cio, Afrodite Thereza,
o teu cheiro traz a força do desejo e do temor,
atração e aversão – esses mitos eróticos,

modelo para pintar a indescritível tela,
a cópula perversa de todos os animais.
Como um cão no cio, sigo e farejo tuas ancas,

traseiro, coxas, sigo o cheiro da urina pagã,
por detrás me aproximo, caçador, para iniciar
a viagem de núpcias em pensamento, palavra, obra.

VÊNUS CYBELE

Tudo começou entre um sorvete e um chope gelado,
prelúdio de brincadeiras, que escondia promessas,
experimentando aos poucos os mistérios insondáveis,
no decote, no colos imponente, nas costas profundas.

Meus dedos correram o zíper dos terrenos inacessíveis,
minha boca nervosa molhou os mamilos flagelados.
Um ensaio de amor na espera da rosada intimidade,
fez Vênus Cybele sentir-se a cobiça dos desejados.

Quando ela me fitou aquele olhar de prata, na noite,
estimulou todas as fantasias, acendeu os sinais do cio,
deixando atrás de si o rasto odorífero dos animais.

Deitei os olhos na fenda do traseiro, discretamente exposto,
nas pregas dos quadris, nas linhas inexatas da cintura,
aspirei o profundo aroma de almíscar das axilas depiladas.

VÊNUS PERSÉFONE

Parceira, minha Randolphe,
exibe a calcinha sob a saia
e aprofunda a visão do amor,
entre réstias das alvas coxas.

Lingerie, abrigo dos sonhos,
acende, irrita, excita os mamilos,
cintura, anca, nádegas, pernas,
com a flutuante maciez do pólen.

Parceira minha, Vênus Perséfone,
viúvo do prazer assassinado,
sou o teu Candaules que retorna

e desmaia à mera visão da calcinha,
quando, descuidada, mostras os pêlos,
por entre as réstias das coxas alvas...

AFRODITE JOCASTA

Venerável paixão, destruidora, voraz, inconseqüente,
Afrodite Jocasta, minas a existência maior do Destino!
Grande influência, trágica sedutora, adorável amor,
sacrificas a puritana vida das donzelas aos dragões.

Elixir de êxtase, pesadelo de sonhos, simbólica paixão,
alma rejuvenescida, deixa-me seguir teu rastro de cio,
doar meu coração circunciso à castidade da flor púbica,
sacralizar os ritos iniciatórios, ferida aberta do teu corpo.

Paixão que procura ardentemente todo sofrimento amado,
ilha de prazer, mortal ciúme, porto de perversão, ruína,
deixa-me seguir teu cheiro, que atrai todos os sentimentos.

E flagrado na predestinação de acontecidos anteriores,
venerada paixão, destruidora, voraz, inconsciente,
deixa-me viver aninhado na floresta amiga dos teus pêlos.

Rio de Janeiro, 1992

O autor

Meu nome é Salomão Rovedo (1942), tenho formação cultural em São Luis (MA), resido no Rio de Janeiro. Sou escritor e participei dos movimentos culturais nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Editora CS, RJ, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do A., RJ, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Trotte, RJ, 1981; Chuva Fina (Antologia), Trotte, RJ, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, RJ, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, RJ, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do A., RJ, 1987.

e-books: 4 Quartetos, poesia (2007); 7 canções, poesia (1987); A apaixonada de Beethoven, (2001); Amaricanto, poesia (2003); Acordar e Despertar (Priscila Rovedo) (2006); Arte de criar periquitos, contos (2006); bluesia, poesia (2006); Cervantes, Quixote, etc, artigos (2006); Gardência, romance (2006); Ilha, narrativa (2000); Mel, poesia (2006); Meu caderno de Sylvia Plath, fotos&rascunhos (2006); O sonhador, contos (2006); Os sonetos de Abgar Renault, antologia (2006); Porca elegia, poesia (1987); Quatro vezes Gullar, ficção (2007); Rocks & Sambarrancho, poesia (2007); Sentimental demais, poesia (2002); Sonja Sonrisal, contos (2006); Stefan Zweig Pensamentos e perfis - c/Izabella Kestler (2006).

Outras coisinhas: publiquei folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editei o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaborei esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet. Tenho também e-books disponíveis gratuitamente em vários sites:
http://www.4shared.com/
http://www.logospoetry.org/
http://personales.ya.com/alkionehoxe/porca.pdf
http://www.revista.agulha.nom.br/srovedo.html
http://andar21.fiestras.com/
http://recantodasletras.uol.com.br/
http://www.logoslibrary.eu/
http://www.dominiopublico.gov.br/
http://www.belaspalavras.com/



Foto: Priscila Rovedo

e-mail do autor: rovedod10@gmail.com